

**PERIGO**

LIXO ESPALHADO EM UMA DAS CHÁCARAS DO NÚCLEO RURAL BOA ESPERANÇA, NA CEILÂNDIA. TÉCNICOS SANITARISTAS AVALIAM QUE A MELHOR FORMA DE PREVENIR NOVOS CASOS DE HANTAVIROSE NA REGIÃO ESTÁ NA REMOÇÃO DA SUJEIRA

ZONA RURAL COM MEDO

MORADORES DO NÚCLEO BOA ESPERANÇA ONDE MORAVA VÍTIMA DA CEILÂNDIA TEMEM NOVOS CASOS

JOÃO RAFAEL TORRES

DA EQUIPE DO CORREIO

Desde que exames confirmaram que a causa da morte de Irene da Silva Rosa foi a hantavirose, o medo se instalou no Núcleo Rural Boa Esperança, na área rural da Ceilândia. Os moradores tentam se proteger da doença da forma como conseguem. A quantidade de atendimentos no posto de saúde praticamente dobrou, assim como o número de visitas dos agentes comunitários para vistoriar fazendas. Na tarde da quarta-feira, duas pessoas do núcleo rural foram mandadas para o Hospital Regional da Ceilândia (HRC), com a suspeita de ter contraído a doen-

ça. A Secretaria de Saúde descarta novos casos na região.

Ainda na quarta-feira, o Instituto Adolfo Lutz (IAL) confirmou que Irene, que era dona de casa e tinha 24 anos, morreu vítima da hantavirose. Ela foi a quarta vítima da infecção no Distrito Federal. Morreu no dia 2. Ontem, dois novos casos foram confirmados.

Um dos pacientes internados no HRC com suspeita de ter a infecção é o caseiro José Floriano, 26 anos. Ele trabalha numa fazenda e, na última semana, apresentou os sintomas da hantavirose — febre alta, dor muscular e dificuldade para respirar. Na quarta-feira, agentes de saúde e fiscais da Vigilância Epidemiológica estiveram no lo-

cal e encontraram focos de roedores em depósitos de entulhos.

José foi internado no HRC, onde está em observação. A segunda moradora é parente de Irene. O nome não foi divulgado. A mulher apresenta sintomas da hantavirose há duas semanas. A diretora de Vigilância Epidemiológica da Secretaria de Saúde, Disney Antezana, disse que os exames iniciais descartam a possibilidade de infecção por hantavírus em ambos os casos. Mesmo assim, os pacientes permanecem internados em observação.

Os donos da fazenda informaram que vão providenciar a limpeza do entulho. Mas Antônio Floriano, irmão de José, que também trabalha como caseiro na

propriedade, está preocupado com a situação. Já anunciou aos patrões que não fará a limpeza dos galpões de entulho. “Não posso arriscar minha vida. Nem entro mais naquele local.”

Preocupação

Desde que os laudos do IAL comprovaram que a morte de Irene foi causada pela hantavirose, o movimento no posto de saúde do núcleo rural praticamente dobrou. De acordo com o auxiliar de enfermagem Ricardo Peixoto, do Programa Família Saudável, os moradores buscam atendimento quando apresentam algum sintoma da doença. “A notícia sensibilizou a comunidade. Agora, todos estão preocupados. Em

vez de ficar em casa, agora eles procuram esclarecimentos”, comentou.

A maior parte da população de Boa Esperança é formada por trabalhadores rurais e caseiros das fazendas. Lidam diariamente com o risco de se infectarem com a hantavirose. Convivem com depósitos de ração animal, lixo e entulhos — os ambientes preferidos pelos roedores que transmitem a doença. Sheila Maria Nunes, extensionista da área social da Emater para Ceilândia, acredita que a solução para evitar novos casos está na limpeza das áreas. “Isso combinado com assiduidade e regularidade na coleta do lixo”, acrescentou.

COLABOROU MARIA FERRI